



DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE EM MICHEL FOUCAULT: A HISTÓRIA MOLDADA PELO PODER

Ana Paula Kravczuk Rodrigues¹
Joice Graciele Nielsson²

RESUMO: A presente pesquisa aborda o processo histórico explicitado nas obras do filósofo Michel Foucault, intitulados *A História da Sexualidade* e sendo divididos em *A Vontade de Saber*, *O Uso dos Prazeres* e *O Cuidado de Si*. O objetivo é demonstrar como as relações de biopoder moldaram/moldam os corpos e condutas dos indivíduos e como essa construção de subjetividades aparece em nossa modernidade.

Palavras-chave: Michel Foucault. Sexualidade. Biopoder. Biopolítica. Corpos.

1 INTRODUÇÃO

Ao embarcar no estudo sobre o poder, o filósofo francês Michel Foucault inicia a construção de suas compreensões críticas analisando as relações de poder ao contrário da concepção tradicional, que considera o Estado como detentor do poder, instituído e estruturado. As grandes questões que envolvem essa problemática, conforme destacam Diniz e Oliveira (2014), seriam: Como a minoria que acredita deter o poder contém a maioria? Como o processo histórico influenciou na construção na mudança das modalidades de poder? Como os indivíduos reagem frente à uma tentativa de dominação das instituições?

A partir do momento em que passou à análise dos dispositivos de produção da sexualidade, Foucault percebeu que o sexo e, portanto, a própria vida, se tornaram alvos privilegiados da atuação de um poder disciplinar que já não tratava simplesmente de reger comportamentos individuais ou individualizados, mas que pretendia normalizar a própria conduta da espécie, bem como reger, manipular, incentivar e observar microfenômenos como as taxas de natalidade e mortalidade, as condições sanitárias das grandes cidades, o fluxo das infecções e contaminações, a duração e as condições da vida, etc. A partir do século 19, já não importava mais *apenas* disciplinar as condutas, mas também implantar um gerenciamento planejado da vida das populações (DUARTE, 2008).

Ao falar da história da sexualidade, Foucault busca abordar este assunto através de três formas. A primeira é o questionamento das práticas de discurso e de como os saberes se formaram e se desenvolveram, desde estudos referentes à reprodução até níveis comportamentais. A segunda se dá com uma análise dos sistemas de força que regulamentam as práticas sexuais e instalam regramentos e normas amparadas pelas instituições, como as



pedagógicas, médicas, religiosas e judiciárias. Por último, mas não de forma definitiva, é feita uma interpretação da maneira através da qual os indivíduos passam a valores suas condutas, sentimentos, sensações, prazeres, se reconhecendo como sujeitos desse objeto de estudo, a sexualidade (FOUCAULT, 2001).

2 A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT

Para que se possa começar a entender de que forma conhecemos e vivenciamos a sexualidade, é preciso ser feito um estudo que começa por suas raízes. Porém isso não significa que Foucault quis buscar um ponto definitivo onde as investidas sobre a sexualidade tiveram seu nascimento/gênese, o seu alvo é mais distante.

Michel Foucault publicou em 1976 o primeiro volume da História da Sexualidade, intitulado “A vontade de saber”, fazendo, então, uma abordagem inicial a uma série de estudos históricos. Em uma primeira análise se pode notar a existência de algumas teses principais dentro desse primeiro volume. O filósofo nos ensina que o desabrochar histórico do século XIX é pontuado, também, por repressão, controle e recrutamento.

A busca por apresentar uma história da sexualidade dos três últimos séculos, nos quais houve uma repressão do discurso sobre o sexo em contrapartida com a propagação de discursos que resultariam em uma ciência sexual (*scientia sexualis*), a qual vai exponencialmente diversificar e condenar as formas que seriam consideradas não naturais da sexualidade. Desenvolve-se, também, uma nova concepção de poder, que se torna sinônimo de repressão, mas realiza, além de tudo, uma provocação mascarada. Ao final se tem a tentativa de libertar o sexo, ou da ideia de que fazemos do sexo, de uma opressiva escravização social, mostrando que essa tentativa nada mais é do que um notável mecanismo de poder, que objetiva nos prender em seu próprio pano.

Em *A Vontade de Saber* o pensamento foucaultiano é mais amplo e geral em questão de elementos e questionamentos, nos dando uma visão da situação na qual suas ideias estão e quais direções elas poderão, ou não, tomar. Perpassa-se o discurso da sexualidade, então, pela proliferação e repressão, além de sua ligação com as relações de poder. Neste momento inaugural existem elementos tanto de uma visão arqueológica, quanto de uma visão genealógica, como se tem referência os primeiros e últimos escritos do filósofo francês, *Arqueologia do Saber* (1969) e *Microfísica do Poder* (1979), respectivamente.



A arqueologia no discurso sobre sexualidade se demonstra quando não se busca com exatidão o momento em que algo teve sua gênese.

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras (...); ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um “outro” discurso mais oculto. Recusa-se a ser “alegórica”. (FOUCAULT, 1969, p. 159).

Já esse aspecto genealógico do discurso pode ser percebido quando é tomada por base a dimensão histórica para que se possa compreender as formas de proliferação no caminho da sociedade ocidental. Logo nas primeiras páginas de *A Vontade de Saber*, Foucault nos faz perceber que sua crítica seria que ao se pensar em teorias sobre determinado assunto o risco de que este assunto perdesse o tom de simplicidade é alto, podendo este mesmo assunto ganhar arabescos a partir de um destaque falso. E dessa maneira, diz:

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam”. Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. (FOUCAULT, 2001, p. 9).

Toda a base de crítica foucaultiana se deita sobre a construção de uma ciência do sexo, sob uma perspectiva científica e de repressão, estando o discurso sobre a sexualidade entrelaçado com as relações de poder. Dessa forma que este primeiro livro é gerado, a partir de um relacionamento entre poder, sexualidade e saber.

O início de sua argumentação traz a imagem da moral vitoriana, sociedade que vive, desde meados do século XVIII, com a sexualidade permeada pela hipocrisia, mudez e freios. A família modelo conjugal incita o silêncio e se resume a sua função de reprodução para fins de procriação, tudo que não tangesse as linhas de dentro desse modelo era visto como era negado e jogado ao silêncio.

São desmoralizadas as sexualidades tidas como ilegítimas, sendo designadas apenas a lugares que gerassem retorno de capital, mantendo em mente que, em uma época de Revolução Industrial onde a mão de obra é vastamente explorada não deveriam ser gastas energias nos



prazeres e derivados, esta é a visão histórica. Da perspectiva política, praticar quaisquer dessas condutas “ilegítimas” seria um desafio e confronto aos poderes já estabelecidos.

Ao exemplo das crianças, vistas como não detentoras de sexo, volta-se a incitação ao silêncio e os olhos são vendados toda vez que a sexualidade fosse se manifestar. Esse comportamento proibidor é trazido por Foucault como hipótese repressiva:

Isso seria próprio da repressão e é o que distingue das interdições mantidas pela simples Lei Penal: a repressão funciona, de certo, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação da inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim mancharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas. (FOUCAULT, 2001, p. 10)

Foucault (2001, p. 17), chega a questionar se existiu mesmo uma ruptura entre a Idade da repressão e a análise crítica da repressão, logo em seguida. Ao fazer esse questionamento, temos que pensar que o filosófico não teve a intenção de refutar a existência da hipótese repressiva e os reflexos dela, que remetem a termos como proibição, silenciamento, repressão, censura. Mas criar uma crítica de que a ideia da história da sexualidade e do sexo se reduziu a estes termos, dificultando a produção do saber.

Realizando a interpretação dessa hipótese, se percebe que essas características negativas que foram citadas, além de estarem relacionadas com o poder, servem como um instrumento de incitação. A partir disto, não se fala mais em perspectiva de restrição, mas uma perspectiva de instigação, que fomenta o discurso produzindo o saber.

Desconstruindo os valores e a atenção voltada, na maioria das vezes, apenas à característica impeditiva, é nítido que, ao mesmo tempo, existia uma proibição do que seria dito sobre sexualidade de lado, e de outro havia uma instigação sobre o mesmo tema, a vontade de saber. É fato que, ao analisar os estudos do filósofo, não há de se ver a história da sexualidade como uma restrição, é justamente esta ideia que é refutada, sem ser negada sua existência. O autor Roberto Machado ilustra:

O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma “positividade”. E é justamente esse aspecto que explica o fato de ele ter como alvo o corpo humano, não para suscitá-lo, adestrá-lo. Não se explica inteiramente o poder quando se procura caracterizá-lo por sua força repressiva. (2006, p. 172)

É chamada a atenção para o sexo, para as técnicas que são usadas pelo poder e por quais meios de discurso a sexualidade pode regular o indivíduo. Reiterando, Foucault nega a interdição, pois, para ele, os termos negativos como silêncio e censura são uma produção



discursiva. Falando desses meios de discurso temos diversos exemplos que apenas intensificam a sexualidade. A igreja, por meio das confissões, já que até em pensamentos o sexo é revelado; a literatura que traz o sexo detalhado, com exemplo no escritor Marquês de Sade; a medicina em conjunto com a psiquiatria e o judiciário, ao estudar perversões; e a própria racionalidade, que vê a “necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor da proibição”. (FOUCAULT, 2001, p. 31).

Falando em racionalidade, podem ser citados outros variados exemplos que são lembrados nesse primeiro título *A Vontade de Saber*, como controle de natalidade, economia política da população, interditar o sexo das crianças, sexo adolescente como sendo um problema público, demografia. A valorização do segredo em torno do sexo é uma característica das sociedades modernas.

Quando se qualifica o discurso, surgem sexualidades úteis e conservadoras. Entre elas está a monogamia heterossexual como regra, pois não iria de encontro à lei jurídica e natural. Pois a homossexualidade aparece como personagem da sexualidade, mas como uma espécie de hermafroditismo da alma, da prática da sodomia, como ressalta o próprio Foucault em seu texto.

São criados diversos nomes e personagens, como exibicionistas, fetichistas, ginecomastos, mulheres disparêunicas, entre outros. Mesmo que já existissem, apenas agora seriam pauta no discurso:

A mecânica do poder que arduamente persegue todo esse despropósito só pretende suprimi-lo atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente: escrava-a nos corpos, introdu-lo nas condutas, torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e o constitui em razão de ser e ordem natural da desordem. Exclusão dessas milhares de sexualidades aberrantes? Não, especificação, distribuição regional de cada uma delas. Trata-se, através de disseminação, de semeá-las no real e incorpora-las no indivíduo. (FOUCAULT, p. 51).

A dupla intencionalidade do controle tem duas faces: prazer e poder. Há essa propagação/proliferação de prazeres específicos e de sexualidades dispareas. Cada vez mais nítido que o sexo não é necessariamente interditado, temos como exemplos disto os próprios sujeitos. Essa ciência vai ser chamada de *scientiasexualis*, produção de verdade sobre a sexualidade. Diferindo-se da *arserotica*, arte de iniciação que não prevalece aqui no ocidente e nem em nosso contexto social. (FOUCAULT, 2001, p. 67).

A identificação do indivíduo (é) foi feita, por muito tempo, com referência aos vínculos que este tem com outros indivíduos (família, por exemplo). Em seguida, pelo discurso que era capaz de criar sobre si mesmo, sua verdade. E nesse aspecto, de autenticação do indivíduo, a



confissão, já citada, é um instrumento usado pelo poder. Portanto, por um lado temos a “interdição” (ou obrigatoriedade) de esconder o sexo, temos por outro o “dever” de confessá-lo. Ao tratar da confissão, o autor traz desde uma codificação clínica do “fazer falar” até a medicalização dos efeitos da confissão.

Assim, de início o sexo estaria escondido do sujeito, necessitando de um exame clínico para que fosse resgatado inconscientemente. O interlocutor decifraria o sexo de outrem. Cria-se um poder-saber sobre o sujeito: “Nós dizemos a sua verdade, decifrando o que dela ele nos diz, e ele nos diz a nossa, liberando o que estamos oculto”. (FOUCAULT, p. 79). Dessa forma que é criado o dispositivo da sexualidade, fundamentado nos instintos que regulam os desejos (interno), criando tal e qual o sujeito que conhecemos atualmente.

Atenta-se, novamente, ao que Foucault chama de poder:

Multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte, os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esforço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formalização de leis, nas hegemônias sociais. (1988, p. 102-103).

O poder é algo complexo e não se resume em uma única ação ou força, porém este é o ponto mais nebuloso dessa obra. Logo há uma tentativa de equilíbrio ao trazer uma construção histórica de estratégias ligadas à sexualidade, como a histerilização do corpo da mulher, o poder pedagógico do sexo da criança, condutas sociais de procriação e psiquiatria do poder sobre perversões. Dois dispositivos são postos face a face, o da aliança e o da sexualidade. No da sexualidade se tem toda uma estratégia de vigilância e no outro uma ligação direta com o que é considerado lícito e tradicional.

Foucault (2001, p.139) apresenta, então, um conceito para sexualidade, como sendo um conjunto de efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa. O que ocorre na difusão desse dispositivo é que o elemento repressor vai gerar uma separação de classes.

Quando a hipótese repressiva é refutada pelo filósofo, é por motivo de não ser o centro de sua análise. Mas volta a aparecer quando se fala dessa difusão do dispositivo da sexualidade, dizendo que a diferenciação social não se afirmará pela qualidade sexual do corpo, mas pela intensidade de sua repressão (FOUCAULT, 2001, p.141). Repreende-se, justamente, o que fora incitado. Surge uma nova organização sobre a vida, que podemos chamar de biopoder, onde a



sociedade normaliza a vida e o corpo. O dispositivo sexualidade é o precursor para que questões como desejo e sexo fossem levantadas. E nesse contexto, o filósofo usa a palavra “sexo” como propriamente da relação sexual.

Quer dizer que, o fato de que o desejo e as relações são frutos da construção social. Ao final desse primeiro título sobre sexualidade, Foucault (2001) ainda diz não acreditar que, ao se dizer sim ao sexo, se esteja dizendo não ao poder; ao contrário, se está seguindo a linha do dispositivo geral da sexualidade.

No segundo volume da *História da Sexualidade*, publicado em 1984, Foucault desmonta seu pensamento em relação ao projeto inicial apresentado no primeiro volume. Faz-se uma retomada à Antiguidade, realizando uma análise das práticas que rodeavam o sexo na Grécia Antiga. Logo em seguida entra a religião, representada pelo cristianismo alterando o cenário quando faz a ligação entre o sexo e o pecado. O estudo genealógico do filósofo gira em torno de como o indivíduo, homem ocidental, se tornou um sujeito de desejo.

Sexualidade é uma expressão nascida do século XIX, é uma produção da conduta. Porém, para Foucault, sexo também pode ser tido como discurso. O discurso se difere da ideologia, pois esta é a idealização das coisas, enquanto o discurso é o que se diz em si. O poder traz a sexualidade como um instrumento de controle do indivíduo e das massas, deixando de lado o erotismo localizado. Assim o autor assinala:

O próprio termo "sexualidade" surgiu tardiamente, no início do Século XIX. É um fato que não deve ser subestimado nem superinterpretado. Ele assinala algo diferente de um remanejamento de vocabulário; mas não marca, evidentemente, a brusca emergência daquilo a que se refere. (FOUCAULT, p. 9).

No projeto inicial foi feita uma correlação entre campos de saber, exemplos de normatividade e formas das quais o sujeito forma sua subjetividade. Já no segundo momento, o foco é em como os sujeitos se reconhecem como sexuais. Enfatiza-se, porém, que o objetivo não é uma descrição de condições práticas ou regras que representem o comportamento sexual, mas sim uma investigação de como indivíduos se reconheceram como sujeitos portadores de uma sexualidade. Portanto, a ênfase é em homens enquanto sujeitos sexuais que produzem a história como é vista hoje.

O objetivo primordial foi estudar esse campo histórico vasto e complexo, onde indivíduos dotados de moral são convocados a serem sujeitos morais da conduta sexual. E, ainda, é questionado como houve a transição e transformação desse pensamento grego à doutrina cristã. Esse título indica como o pensamento médico e filosófico, ao longo da história,



catalogou esse uso dos prazeres e formou temas severos sobre relações com o corpo, com a esposa, com rapazes e com a verdade. Relacionado ao último se encontra a sabedoria, ocorrendo um transpasse na ligação desejo e verdade pela sexualidade. Assim, começa-se a compreensão da tríade foucaultiana saber-poder-prazer. (FOUCAULT, 2007)

Para o filósofo não há existência do sujeito sem noção de poder. A sexualidade, por si só, é uma construção onde se entrelaçam a preocupação com a moral, com a ética e as técnicas e as práticas em relação a si próprio. Assim o Uso dos Prazeres segue uma construção a partir da interação de jogos de verdade com regras de conduta. Então, para os gregos antigos o ato sexual era visto como algo positivo. Já para os cristãos, era algo associado ao mal, passaram a excluir uma série de atitudes ao verem a queda na infidelidade, homossexualismo e na não-castidade. A partir daí, pregou-se uma abstenção, rigidez e respeito à interdição, sujeitando o indivíduo ao requisito cristão em torno do sexo.

Assim, inicia-se uma doutrinação sexual, incluindo a organização prisional do século XIII que provocou uma codificação da experiência moral. Porém, a moral na Antiguidade greco-romana era orientada para a prática em si e não se direcionava às interdições impostas quanto às relações. Na Grécia Antiga a homossexualidade era livre, fazendo parte de ritos que eram mantidos por mestres e seus pupilos, tudo em nome da busca pela sabedoria (FOUCAULT, 2007). A explicação das práticas de si, anteriormente citada, se dá quando invadimos a Idade Antiga e entendemos que os gregos não possuíam instituições de sequestro, como foi o caso da igreja, fundamentada no século IV. O que havia era uma técnica com a atenção voltada para o corpo, um cuidado de si que influenciava nas práticas sexuais.

Em relação aos rapazes, havia inquietamento quanto ao uso dos prazeres. Os homens gregos podiam escolher livremente entre qualquer dos sexos (gênero), pois o homossexualismo era permitido pela lei e pela opinião pública, havendo uma grande tolerância. Um dos únicos questionamentos existentes era em torno do relacionamento de homens com idades diferentes, pois a passividade era mal vista no homem adulto, já, supostamente, dotado de uma formação moral e sexual. A homossexualidade tinha seu papel, também, na pedagogia, explica-se: a condução do aprendiz pelo mestre, o homem mais vivido e sábio. Dentro da sociedade havia a homossexualidade, que estava ligada à corte, como uma relação aberta, que configurava amor, já que sem a regulação de uma instituição, a conduta estava na relação em si. O casamento era restrito ao espaço menos nobre.



Ao trabalhar o conceito de moral, Foucault considera que podemos ter duas compreensões, que esta pode ser um conjunto de regras e valores de ação propostas aos indivíduos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos ou o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que são impostos. Existe uma tensão entre estas duas faces, porém também existe uma semelhança, que é a forma pela qual é preciso se conduzir. Assim, as práticas demonstram uma enorme importância, pois apresentam o sujeito moral como sujeito de suas próprias ações, independentemente de qual instituição ele esteja inserido (FOUCAULT, 2007).

No terceiro volume da *História da Sexualidade*, também publicado em 1984, a problemática do desejo continua sendo o cerne principal. O estudo do cuidado de si parte de uma relação subjetiva entre sujeito e verdade. Foucault fixou como de sua pesquisa a noção de *epimeleia heautoû* existente entre gregos, romanos e helênicos, entre um período do século V a.C até o século II d.C. O autor confessa que o que é pertinente é a questão do sujeito, que é colocada em uma estrutura diferente pelo preceito délfico de conhecer a si mesmo, na conduta de si e por si e, ainda, em relação com o outro. Estando presente em mente que délfico refere-se à cidade histórica de Delfos ou ao seu oráculo, considerado na Antiguidade grega como portador de poderes proféticos.

Nessa referência délfica, segundo Foucault, não havia relação com fundamentos da moral e nem com os deuses, pois para ir a Delfos, além de prudência, o indivíduo necessitava lembrar-se que, sendo ser mortal, deveria conhecer a si mesmo. De forma que não devia contar demais com sua própria força nem se afrontar com as potências que são as da divindade. Olhando por uma perspectiva histórica, coube, então a Sócrates estabelecer bases para que a noção do cuidado de si tivesse espaço no campo filosófico (FOUCAULT, 1985)

Como citado anteriormente, a ideia de *epimeleiaheautou* (ideia grega) foi usada como base para a noção do cuidado de si. Esta ideia se referia a uma atividade geral, seria uma forma de atenção, a forma como nos modificamos e purificamos para que possamos nos transformar e transfigurar. Um conjunto de práticas e requisitos que funcionavam como exercícios, que definiriam os destinos, quais sejam: da cultura, da filosofia, da moral e, ainda, da espiritualidade ocidentais.

Enfim, com a noção de *epimeleiaheautou*, tem-se todo um corpus definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da



subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade. (FOUCAULT, 1985, p.15)

Para o filósofo francês inquietava-se com o preceito do cuidado de si, devido as inúmeras tentativas em se colocar essa noção dentro do conhecimento de si. Pois esse cuidado de si seria, então, um suporte para todas as formas e práticas de existência do sujeito. Havia ainda o termo que surgia dos gregos, *gnothiseauton*, tão prestigiado em detrimento da expressão *epimeleiaheautou*.

Agora da perspectiva epistemológica, o estudo foucaultiano para o cuidado de si é produzido com base na história sendo um fenômeno cultural, em virtude de sua aceitação geral em certas noções sobre o governo de si e de outro como forma de liberdade. Procura-se compreender como esse fenômeno cultural conseguiu se inserir na história do pensamento, de modo tão marcante que modifique/comprometa o modo de ser do sujeito moderno e, inclusive, do sujeito contemporâneo.

Deve-se atentar à análise do sujeito de subjetividade, ou seja, analisar quais seriam as formas pelas quais o sujeito era constituído e de como ele se reconheceria como sujeito. Perpassando as ciências entre os séculos XVII e XVIII e os jogos de verdade nas relações de poder, o estudo também objetivava estabelecer esses jogos na relação consigo mesmo, trabalhando a constituição de si próprio como sujeito, recolhendo como campo de investigação o que se poderia chamar de história do homem de desejo (FOUCAULT, 1985, p. 195).

Foucault afirma acerca do cuidado de si que temos “(...) o paradoxo de um preceito do cuidado de si e que, para nós, mais significa egoísmo ou volta sobre si e que, durante tantos séculos, foi, ao contrário, um princípio positivo, princípio positivo matricial relativamente a morais extremamente rigorosas”. (1985, p.17). Analisando seus estudos, a noção de cuidado de si percorre toda a filosofia antiga e chega até o início do cristianismo. Deve ser compreendido que a trajetória nasce com o personagem de Sócrates, incitando, explicitamente, o cuidado de si.

Na leitura em Foucault, a noção de cuidado de si entre gregos e romanos deve ser compreendida como um dever, um conjunto de procedimentos. Esta é a problemática principal, que do ponto de vista filosófico, é a busca dos cuidados com a alma, a verdade e a razão. O estudo rege-se entre platônicos e neoplatônicos, epicuristas, estoicos e cínicos, em seus variados pensamentos filosóficos. O conjunto de em torno das expressões gregas traz significados como conhecer-te a si mesmo, provar-se a si mesmo e renunciar a si, transpassando exercícios de respiração, abstinência e resistência. (FOUCAULT, 1985)



Nesse título, a condição filosófica, para o autor é de deixar de colocarmos a questão do poder entre o bem e o mal, mas a colocarmos em termos de existência. O papel da filosofia é fazer ver aquilo que vemos (FOUCAULT, 1985, p. 43). Ainda, denomina o redirecionamento de sua teoria quanto às formas de análises filosóficas e científicas como um progresso de conhecimentos. Pois, por um lado acaba por interrogar sobre as práticas discursivas que articulam o saber e, por outro, sobre as relações múltiplas, estratégias e técnicas que articulam o exercício dos poderes. Em um último momento, redireciona seu estudo, então, para as formas e modalidades da relação consigo mesmo, por meio das quais o indivíduo se constituía e se reconhecia como sujeito (FOUCAULT, p. 195). Basicamente, o sujeito deve conhecer a si mesmo para que, assim, possa saber como modificar sua relação consigo mesmo e com os outros, numa incessante busca pelo que é a verdade.

3 CONCLUSÃO

Saber a diferença entre os termos sexo e gênero é muito importante para que se possa fazer uma desconstrução de discursos usados durante séculos. Esses discursos se limitam a categorizar as diferenças em características anatômicas, estereótipos entre masculinidade e feminilidade e, ainda, sobre papéis de gênero, o caráter domiciliar e familiar ligado ao feminino, por exemplo.

Ao reconhecer um processo histórico que normaliza nossas condutas e termos a noção de que a categoria gênero é reconhecida, podemos dizer que é fundamental para que possamos entender a necessidade da igualdade entre homens e mulheres, no que diz respeito a diversas esferas da sociedade. Igualdade em quaisquer direitos dentro dessa sociedade, sejam eles políticos, sociais, econômicos, familiares, etc.

O estudo de gênero e sexualidade, explanada um pouco de sua história na obra de Michel Foucault (História da Sexualidade), demonstra claramente a importância do momento histórico, social e político, para que conceitos como estes sejam formados, mesmo que nunca sejam estagnados. E a influência constante das relações de poder para a constituição da subjetividade dos sujeitos dentro da sociedade.

Dentro de um convívio social temos diversas culturas, classes, histórias e sexualidades, posicionando-se em diferentes grupos sociais, formando também diversas identidades. Temos concepções que refutam as criadas pelo senso comum, pois se afastam da ideia de



masculinidade e feminilidade hegemônica impostas, pelo simples fato de serem consideradas diferentes.

A pesquisadora Guacira Louro aponta que “serão sempre as condições histórias específicas que nos permitirão compreender melhor, em cada sociedade específica, as relações de poder que estão implicadas nos processos de submissão dos sujeitos” (1997, p. 53). A construção da identidade de gênero é processo histórico, moldada pela época e pelas microrrelações de poder a que está submetida, é um reconhecimento de si que o sujeito carrega, sendo mais fácil modificar sua forma anatômica (sexo) do que sua constituição psicológica (gênero).

Deste modo, do que se extrai dos estudos de Michel Foucault, especialmente com relação à sexualidade, é que ele ajuda a desmistificar os argumentos arcaicos, mas ainda existentes de que comportamentos de gênero e de sexualidade são atribuições naturais, essenciais de cada ser humano. Não há essências, mas sim histórias, individualidades, corpos e subjetividades construídas a partir de uma inserção histórica, perpassada por relações patriarcais de poder. Com Foucault podemos dizer sim, que sexualidade e gênero não são destinos naturais, mas construções históricas e sociais que diferenciam e discriminam as pessoas. Do mesmo modo, permanece a esperança porque, enquanto construções culturais, podem bem ser desconstruídas em prol da igualdade.

O processo de construção da identidade do sujeito é o fato de ser um movimento além do que é visto em seu momento histórico. Pois sempre busca mostrar onde as forças de poder estão realmente presentes, onde parece não existir dominação ou onde parece ser absoluta. Assim, temos as práticas de liberdade, a renovação contínua do sujeito em sua identidade, que cria novas singularidades e, logo, novas formas de pensar a vida e seus propósitos. Os conceitos trabalhados em Foucault também não devem ser considerados estáticos, visto o trabalho histórico e ligação íntima com as relações de poder, que são, na verdade, microrrelações (PEZ, 2010, p.6).

A impossibilidade de ter uma perspectiva imediata de nossos corpos e das forças que o moldam é crítica, porque nos é apresentado um leque de interpretações agradáveis sobre essas forças, como elas podem ser positivas e convincentes buscando que melhoremos sempre, sem, sequer, nos lembrarmos que é necessária uma discussão sobre isso, já que é considerado algo da “normalidade”.



Enfim, esse movimento construtivo é, ao mesmo tempo, uma desestabilização e uma construção do que conhecemos e do que consideramos normal-anormal. A identidade está entrelaçada com a sexualidade que, assim, está amarrada ao controle do corpo que é objeto de variados questionamentos e uma criação histórica e social. Do mesmo modo, a identidade e o poder estão entrelaçados com os estereótipos de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DINIZ, Francisco Rômulo Alves; OLIVEIRA, Almeida Alves de. **Foucault: Do Poder Disciplinar ao Biopoder**, 2014. Disponível em:

<http://www.faculdade.flucianofejao.com.br/site_novo/scientia/servico/pdfs/VOL2_N3/FRANCISCOROMULOALVESDINIZ.pdf>. Acesso em 20 out 2015.

DUARTE, Andre de Macedo. **De Michel Foucault a Giorgio Agamben: a trajetória do conceito de biopolítica**, 2008. Disponível em: http://works.bepress.com/andre_duarte/17/. Acesso em 21 de novembro de 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Graal, 2001.

_____. **História da sexualidade, II: o uso dos prazeres**. Graal, 2007.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Graal, 1985.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e poder**. In: _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

PEZ, Tiaraju Dal Pozzo. **Pequena análise sobre o sujeito em Foucault: A construção de uma ética possível**. Disponível em: <www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos-anais/TiarajuDPPez.pdf>. Acesso em, v. 1, n. 07, 2010.